



ISSN: 2595-5713
Vol. 04 | N°. 7 | Ano 2021

Guilherme Silva P. de Freitas

OS EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NOS FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS DA ARGÉLIA PARA A FRANÇA

The effects of colonization on the contemporary migratory flow from
Algeria to France

RESUMO: Este artigo abordará as consequências que a colonização francesa na Argélia, entre os séculos XIX e XX, teve nas recentes ondas migratórias do país norte africano para o europeu e dos ressentimentos entre estes dois Estados, e seus cidadãos que o período causou. Durante 114 anos, a Argélia esteve sob domínio francês, que através de uma brutal colonização, gerou pesados ressentimentos que nem a sangrenta guerra de independência conseguiu resolver. Após o conflito, milhões de argelinos imigraram para o território francês e hoje compõe a maior comunidade estrangeira no país. A pesquisa abordará estes temas mostrando como a época colonial impactou na atual relação social turbulenta entre argelinos, seus descendentes e franceses que também se reflete na cultura popular, como no futebol, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: Argélia; Fluxos Migratórios; Colonização; França; Futebol.

ABSTRACT: This article will approach the consequences that the French colonization in Algeria, between the 19th and 20th centuries, had on the recent waves of migration from the North African country to the European country and the resentment between these two states and their citizens that the period caused. For 114 years, Algeria has been under French rule, which through brutal colonization has generated heavy resentments that even the bloody war of independence has failed to resolve. After the conflict, millions of Algerians immigrated to French territory and today compose the largest foreign community in the country. The research will approach these themes showing how the colonial era impacted the current turbulent social relationship between Algerians, their descendants and the French, which is also reflected in popular culture, such as football, for example.

KEY WORDS: Algeria; Migratory Flows; Colonization; France.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre Antônio Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

OS EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NOS FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS DA ARGÉLIA PARA A FRANÇA

Guilherme Silva Pires de Freitas ¹

Introdução

Os fluxos migratórios em direção a França não são um fenômeno recente. Segundo Coelho (2010, p. 38), desde meados do século XIX, são observadas grandes ondas migratórias ao país que acabam alterando sua formação social. Entre 1852 e 1870, cerca de 1% da população já era composta por estrangeiros, número que cresceu para 6%, em 1940. Em ambos os casos, esses migrantes chegavam ao território francês para atuar como mão de obra na indústria. Inicialmente, essa migração era composta majoritariamente por brancos, europeus e cristãos, sendo em sua maioria oriundos de Bélgica, Itália, Portugal, Espanha, Polônia e Armênia. Estes indivíduos foram aceitos e se assimilaram com mais facilidade à sociedade francesa, mesmo com alguns atos de xenofobia sendo registrados entre o fim do século XIX e início do século XX (FREITAS, 2018, p. 52-53).

Porém, o perfil dessa migração ao território francês sofreu uma mudança apenas após o fim da II Guerra Mundial. Com a Europa bastante debilitada pelo conflito, diversos países tiveram que importar mão de obra para ajudar na reconstrução do continente. Estados seriamente afetados pela guerra e bombardeios como Alemanha, França e Reino Unido, optaram por aceitar a chegada de trabalhadores de países de fora do continente. Os alemães recorreram aos turcos, que ficaram conhecidos como *gastarbeiters*² e eram exclusivamente trabalhadores sem permissão de viajar com a família e tinham vistos temporários (FREITAS, 2017, p 38-39). Já britânicos e franceses recorreram a suas colônias ou ex-colônias pelo mundo. No Reino Unido, a mão de obra foi dos cidadãos da Comunidade das Nações, organização intergovernamental de países que faziam parte do Império Britânico, com destaque para indianos, paquistaneses e jamaicanos³, além de trabalhadores do leste europeu.

A França optou por importar mão de obra de diversas colônias, mas um grupo se destacou pelo grande número de imigrantes: os argelinos. Devido ao fator histórico da Argélia ter sido incorporada como departamento da França, em 1848, e ser considerada como parte do país, muitos argelinos passaram a imigrar rumo ao território francês, principalmente, ao longo do

¹ Doutorando no Programa de Mudança Social e Participação Política pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). E-mail: guilhermespfreitas@usp.br

² Trabalhador convidado, tradução em português.

³ *Immigration from India*. Publicado no site da The British Library. Disponível em: <https://www.bl.uk/learning/timeline/item107671.html>. Acesso em: 14/03/2021.

século XX. Após a independência argelina em 1962, o número continuou crescendo ao longo dos anos.

Segundo dados de 2017, do Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos (INSEE), principal órgão do governo da França sobre estatísticas demográficas e econômicas, vivem no país cerca de 6,2 milhões de estrangeiros, sendo cerca de 822 mil deles oriundos da Argélia.⁴ Porém, ao longo dos anos, os filhos e netos destas primeiras ondas migratórias passaram a nascer em solo francês. Hoje, a comunidade argelina também é bastante volumosa, com, aproximadamente, 617 mil descendentes nascidos e vivendo no país.⁵ Entre figuras públicas famosas e importantes para a história francesa, podemos citar a cantora Édith Piaf, o filósofo Albert Camus e o jogador de futebol Zinedine Zidane.

Para compreender como a imigração argelina foi crescendo ao longo dos anos e chegou ao estágio atual, este artigo irá apresentar um breve histórico sobre a colonização francesa na Argélia; os desdobramentos da guerra de independência, que durou de 1954 até 1962; e os impactos que esses fatos tiveram nos fluxos migratórios de argelinos para a França, resultando em uma tensa e turbulenta relação entre os dois países que também ocorre na cultura popular, como, por exemplo, no futebol.

A colonização francesa na Argélia

Localizada no extremo norte da África e separada da Europa apenas pelo Mar Mediterrâneo, o território da Argélia sempre despertou interesse ao longo dos tempos devido sua estratégica localização entre os dois continentes e por suas riquezas naturais. O país norte africano detém grandes reservas de petróleo e gás natural, além de terras férteis para plantação em seu litoral. Durante séculos foi ocupado por diferentes povos e impérios até ser anexado ao Império Otomano no século XVI. Os franceses sempre cobiçaram as terras argelinas e se aproveitaram de um entrevero diplomático para invadir e tomar o território. Em 1827, após um desentendimento entre o governador local e um cônsul francês por uma dívida, a França promoveu um bloqueio no Mar Mediterrâneo por três anos. No dia 14 de junho de 1830, o Império Francês iniciou sua invasão e, após algumas semanas, já havia tomado a capital Argel, colocado fim à ocupação otomana, e iniciado sua colonização.

⁴ *Étrangers – Immigrés en 2017: Recensement de la population – Résultats pour toutes les communes, départements, régions, intercommunalités...* Publicado no site do Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/4515412?sommaire=4515432&geo=METRO-1>. Acesso em: 14 mar. 2021.

⁵ *Être né en France d'un parent immigré.* Publicado no site do Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos. Disponível em: <https://www.insee.fr/fr/statistiques/1283065>. Acesso em: 14/03/2021.

Logo após dominar o novo território, o governo francês passou a incentivar a migração de parte de seus cidadãos para as terras argelinas. Esses colonos que lá se estabeleciam ganharam o nome de *pied-noirs*.⁶ Eles receberam esse apelido porque estavam pisando no continente negro, a África, e os colonos que viviam no Marrocos e na Tunísia também passaram a ser conhecidos desta forma (COELHO, 2010, p. 57).

Os *pied-noirs* imigravam para a Argélia em busca de riquezas e melhores oportunidades de vida em terras que foram tomadas a força da população local. Além de franceses, havia também espanhóis e italianos ocupando o rico e fértil solo localizado próximo ao litoral. Os colonos e os judeus argelinos tinham direito a cidadania francesa e eram tratados como cidadãos da França, tornando a população berbere e muçulmana locais em cidadãos de segunda classe e sem os mesmos direitos.

Parte da tensa relação atual entre franceses e argelinos pode ser explicado pelo violento passado e a brutal colonização imposta pelos europeus. O início dessa dominação começou logo após a tomada do território. O Império Francês não teve piedade da população local e como saldo dos primeiros anos de ocupação, cerca de um terço dos berberes morreu devido epidemias e escassez de água e alimentos (KIERNAN, 2007, p. 364-365). Porém, eles contra-atacaram começando a organizar levantes populares contra a ocupação francesa.

Nos primeiros anos após a conquista francesa, ocorreram diversas rebeliões islâmicas promovidas por berberes que se reuniam no interior do país. Abdel Kader, emir e líder de uma federação de tribos, tomou frente nos protestos e resistiu aos franceses durante anos conseguindo, inclusive, manter uma parte do território no deserto independente dos colonizadores. Capturado apenas em 1847, tornou-se uma figura mítica para os argelinos e é tido por muitos como um dos primeiros heróis nacionais (YAZBEK, 2010, p. 23). No ano de 1848, a França transformou a Argélia em um departamento, fazendo com que o território argelino deixasse de ser colônia e passasse a ter status jurídico semelhante a de outros estados franceses. Nesta época também aconteceu um grande fluxo migratório de *pied-noirs* para a Argélia, atraídos justamente pela oportunidade de riqueza e ascensão social que não encontravam na Europa.

Buscando ser cada vez mais dominante, a França tratou de “afrancesar” a Argélia através de uma assimilação completa. Além de ocupar as terras e usurpar riquezas, os franceses passaram a impor sua cultura e hábitos sobre os nativos. Os principais exemplos foram à classificação da língua francesa como oficial fazendo com que o árabe e dialetos locais fossem banidos, a inclusão do ensino da história do Império Francês em escolas para crianças e o serviço

⁶ Pés negros, tradução em português.

militar no exército francês para adultos argelinos, que inclusive foram obrigados a combater nas duas guerras mundiais.

O comportamento autoritário francês despertou um forte sentimento nacionalista argelino e parte da população berbere passou a se organizar pedindo pela independência. Buscando acalmar os ânimos, a França concedeu nacionalidade a todos os argelinos, independentemente de sua etnia ou religião, o que irritou os colonos que temiam perder seus privilégios. Ao mesmo tempo, surgiram diversos movimentos e organizações que pediam a libertação de todos os países do Magreb, como a União dos Muçulmanos Norte-Africanos.

O clima de animosidade entre franceses, colonos e argelinos era como um barril de pólvora prestes a explodir, com cada parte buscando seus objetivos sem querer ceder ao outro lado. Pressionado, o governo francês passou a agir com maior violência e cometeu atrocidades em vilarejos e cidades no interior da Argélia. Talvez, o pior deles tenha sido o massacre de Setif e Guelma, em 1945, quando milhares de berberes foram mortos por militares franceses e serviram para inflamar ainda mais o apoio popular em aderir à luta armada (YAZBEK, 2010, p. 38-39). Com os ressentimentos se acentuando, não havia outra saída a não ser um conflito pela independência.

A Guerra da Independência e a Argélia livre

Na madrugada do dia 1º de novembro de 1954, a união de diversos movimentos e organizações nacionalistas resultou na Frente de Libertação Nacional (FLN), que se tornou a principal força pró-independência argelina e passou a realizar diversos ataques simultâneos a postos franceses no país, como, instalações militares, prédios de comunicação e de infraestrutura. O governo francês, traumatizado pela humilhante derrota sofrida em sua então colônia Indochina meses antes, reagiu dando início a Guerra da Independência Argelina.

O conflito teve três lados lutando entre si: os argelinos pró-independência, em sua maioria berbere, muçulmanos e liderados pela FLN; o exército francês, que contava com o apoio de argelinos contrários a independência e a Legião Estrangeira; e, por fim, grupos paramilitares de colonos com destaque para Organização do Exército Secreto (OAS), que não queriam a independência e realizaram ataques terroristas contra argelinos e franceses.

A guerra pela independência foi uma das mais brutais no continente africano e registrou carnificinas cometidas por todos os lados. Tanto a OAS quanto a FLN aderiram a táticas terroristas com uso de bombas, atentados e não pouparam a população civil, assim como os militares franceses que foram acusados de massacres por todo o país, estupros, torturas, criação de campos de concentração e atrocidades que enojaram os franceses na Europa e geraram

comparações com os nazistas na II Guerra Mundial. O premiado filme *A Batalha de Argel*, do cineasta italiano Gillo Pontecorvo, retrata bem a violência que o conflito causou.

Com a queda da quarta república francesa, a volta de Charles de Gaulle ao poder, a implantação da nova Constituição e da quinta República, em 1958, tiveram início as discussões e negociações para uma trégua definitiva. Cada vez mais impopular na Europa e com grande custo econômico, a guerra na Argélia estava desgastando o governo e a França queria encerrar o conflito, porém, sem abrir mão do gás e petróleo argelinos que turbinavam sua economia.

Foi convocado então, pelo presidente de Gaulle, em 1961, um referendo onde questionava os cidadãos franceses sobre a autodeterminação da Argélia e 75% dos eleitores, tanto na França, quanto na Argélia, aprovaram a independência argelina (YAZBEK, 2010, p. 70-71). Após longas negociações, ambos os lados chegaram a um acordo e o conflito enfim terminou. No dia 5 de julho de 1962, é acertado o Armistício de Evian que reconheceu a independência argelina em troca de alguns favores, como, privilégios ao governo francês em ter acesso ao petróleo e gás argelinos e a manutenção de bases militares no país. Com o fim da guerra, a República Popular Democrática da Argélia é proclamada e Ahmed Ben Bella, um dos grandes líderes da revolução, torna-se o primeiro presidente.

Mesmo com a independência, os conflitos não cessaram e alguns *pied-noirs* ao lado de militares que não aceitavam a independência, atacaram a população berbere. Não há um número exato e oficial de mortes, mas, estima-se que foram quase meio milhão de vítimas fatais, sendo a esmagadora maioria de argelinos berberes. As forças militares franceses perderam 20 mil homens e aproximadamente três mil colonos também perderam a vida no conflito (YAZBEK, 2010, p. 72). A guerra também deixou milhões de refugiados entre berberes e *pied-noirs*, com a maioria deles fugindo para a França.

Como país independente, a Argélia enfrentou diversos problemas após o fim da guerra. Em 1965, ocorreu um golpe de estado com o presidente Ben Bella sendo deposto, preso e exilado tempos depois. Em seu lugar, assumiu o coronel Houari Boumédiène, que implantou um regime militar socialista com nacionalizações e ficou no cargo até sua morte em 1978. O clima político manteve-se instável por anos e gerou uma sangrenta guerra civil iniciada em 1992.

O conflito entre o Estado argelino e o grupo fundamentalista político Frente da Salvação Islâmica, apoiada por parte da população, durou dez anos e deixou um saldo de 150 mil mortos, um presidente assassinado, massacres em vilarejos no interior e a economia destrozada (YAZBEK, 2010, p. 88). Com o enfraquecimento dos grupos radicais, o governo reassumiu o controle e pôs um fim aos conflitos em 2002.

Tanto a guerra pela independência, quanto a guerra civil geraram diversos fluxos migratórios de argelinos por décadas na segunda metade do século XX. A maioria desses

imigrantes tinha como destino a França, resultando na maior colônia estrangeira no país e que vive em constante tensão com a população nativa devido há anos de ressentimentos.

Fluxos migratórios e a turbulenta relação contemporânea entre franceses e argelinos

Como já citado na introdução, a comunidade argelina vivendo atualmente na França é o maior grupo estrangeiro no país. São aproximadamente 7 milhões de indivíduos entre imigrantes e seus descendentes nascidos em solo francês. Um número muito expressivo que foi sendo construído ao longo das imigrações no decorrer do século XX. O término da guerra de independência, em 1962, provocou um grande fluxo migratório. Milhões de *pied-noirs* e milhares de berberes e judeus franceses resolveram deixar o país por temerem por sua segurança, fugindo para França (YAZBEK, 2010, p. 72). Essas imigrações, porém, tinham suas diferenças e a grande maioria de berberes que cruzou o Mar Mediterrâneo também o fazia em busca de trabalho.

Assim como outros países europeus que se recuperavam dos efeitos da II Guerra Mundial, a França importou mão de obra estrangeira para ajudar em sua reconstrução logo após o conflito. Esses trabalhadores vieram, principalmente, de suas colônias ao redor do mundo para única e exclusivamente trabalhar. Nas palavras de Sayad, essas pessoas seriam:

[...] essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, nesse caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida (SAYAD, 1998, p. 54-55).

Ou seja, boa parte da sociedade francesa entendia que esses indivíduos imigravam para seu país exclusivamente para trabalhar em postos já determinados pelo “mercado de trabalho para imigrantes”, como cita Sayad (1998, p. 55). Para eles, os imigrantes iriam fazer seu trabalho e voltar para seus países de origem. Não fazia sentido para os franceses que os argelinos fossem ficar e se estabelecer em seu país.

Ao longo dos tempos, a imigração argelina foi crescendo de forma vertical. Diferentemente dos trabalhadores turcos que não tinham direito de imigrar com suas famílias para a Alemanha, os argelinos podiam ir à França com familiares devido a legislação francesa, herança da época do departamento da Argélia no século XIX, que considerava como francês qualquer pessoa nascida no país do norte da África. Segundo a Concessão da nacionalidade

francesa, uma criança nascida na França depois de 1º de janeiro de 1963, de um pai nascido na Argélia, antes do dia 3 de julho de 1962, será francesa por direito.⁷

Isso explica em parte, o porquê da tão numerosa comunidade argelina no país. Entre 1962 e 1968, logo após a independência da Argélia, 162 mil argelinos imigraram para a França e nesse grupo havia muitos jovens, que era aproximadamente 45% do total e tinham menos de 25 anos de idade (SAYAD, 1998, p. 68). Buscando evitar um aumento no processo migratório de argelinos, a polícia francesa buscava controlar e expulsar o máximo de imigrantes que chegavam ao país. Como não obteve êxito em frear esta migração em massa, os policiais passaram a restringir a liberdade de argelinos nos espaços públicos e tentou fazê-los retornar à força para sua terra natal (BLANCHARD, 2012, p. 46-47). Porém, a imigração de pessoas oriundas da Argélia cresceu e esses indivíduos tiveram filhos no país, que compõem a primeira geração de descendentes.

Até hoje, esses descendentes reclamam de serem considerados como “cidadãos de segunda classe” e de não serem vistos como franceses. Pesquisas realizadas pelo INSEE, ouvindo imigrantes e seus descendentes, mostram como ainda há muita dificuldade destas pessoas se integrarem totalmente a sociedade, além de ter que superar estereótipos (FREITAS, 2017, p. 40). Estes comportamentos preconceituosos e xenofóbicos vão contra a própria Constituição do país, que proíbe diferenciar seus cidadãos segundo raça, origem e religião: “La France est une République indivisible, laïque, démocratique et sociale. Elle assure l'égalité devant la loi de tous les citoyens sans distinction d'origine, de race ou de religion. Elle respecte toutes les croyances. Son organisation est décentralisée”.⁸

Assim sendo, existem apenas duas categorias jurídicas para definir um indivíduo na França, ou ele é francês ou estrangeiro. Mas grande parte da discriminação praticada é devida outras características como etnia, religião e raça, que atinge inclusive os descendentes de imigrantes nascidos na França (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 2011, p. 16).

Grupos mais nacionalistas enxergam nos imigrantes uma degradação de sua grandeza e a saída encontrada é estigmatizar e rejeitar uma integração com estas pessoas, além de depreciar suas tradições culturais (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 45). Reforçar a imagem do imigrante como o sujeito ameaçador que vem tomar o lugar dos franceses (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 2011, p. 15), responsabilizá-los por problemas econômicos e sociais quando o país

⁷ *L'attribution de la nationalité française*. Publicado no site do Ministério da Europa e dos Negócios Estrangeiros. Disponível em: <https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/services-aux-francais/etat-civil-et-nationalite-francaise/nationalite-francaise/article/l-attribution-de-la-nationalite-francaise>. Acesso em: 29/04/2021.

⁸ A França é uma República indivisível, laica, democrática e social. Garante igualdade perante a lei de todos os cidadãos, sem distinção de origem, raça ou religião. Ela respeita todas as crenças. Sua organização é descentralizada. Tradução em português. Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/loda/id/JORFTEXT000000571356/2019-07-01/>. Acesso em: 20/03/2021.

enfrenta uma crise (DETIENNE, 2013, p. 100) e associá-los a fatores negativos colocando em xeque suas culturas e identidades como causa para dificuldade em integrar-se à sociedade (HARARI, 2018, p. 188-189) também são táticas adotadas por intolerantes.

A turbulenta relação entre franceses e argelinos também é fruto de ressentimentos que sobrevivem de geração para geração. Iremos abordar brevemente nesta pesquisa alguns fatores que ajudam a compreender um pouco mais desta situação como a brutalidade do colonialismo francês na Argélia, as diferenças culturais entre os povos e a questão da religião, e do terrorismo no século XXI.

O colonialismo na Argélia foi um dos mais brutais praticados pela França em suas então colônias. O comportamento dos franceses no país foi marcado pela extrema violência e autoritarismo, principalmente contra a população berbere e muçulmana. Foram diversos massacres na capital e no interior do país cometidos por forças francesas contra civis e opositores políticos, contrários a colonização. Além disso, a humilhação e desumanização foram praticadas pelos dominadores como forma de impor sua força e poder. No prefácio do livro *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon, o filósofo francês Jean-Paul Sartre descreve as táticas adotadas pelos colonizadores:

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se: ainda resistem, o medo concluirá o trabalho: assestam-se os fuzis sobre o camponês; vem civis que se instalam na terra e o obrigam a cultivá-la para eles. Se resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade (FANON, 1968, p. 9).

As agressões a população nativa na Argélia se deram por mais de um século, desde a invasão e conquista do território em 1830. Ao longo da história foram diversas agressões e carnificinas, não apenas contra argelinos, mas também contra marroquinos e tunisianos. Na Argélia, os massacres mais famosos foram o dos vilarejos de Sétif e Guelma, em 1945, com até 30 mil civis mortos (PEYROULO, 2008) e o cerco a cidade de Laghouat, em 1852, com até três mil vítimas fatais, muitas delas mulheres e crianças.⁹

A forma cruel e agressiva com que os colonizadores buscaram subjugar suas vítimas em combates não foi o único modo de abuso praticado pela colonização francesa na Argélia. Outra

⁹ *Laghouat se remémore l'un des pires massacres perpétrés par la France coloniale contre le peuple algérien*. Reportagem da Algérie Presse Service. Disponível em: <https://www.aps.dz/societe/113741-laghouat-se-rememore-l-un-des-pires-massacres-perpetres-par-la-france-coloniale-contre-le-peuple-algerien>. Acesso em: 13/04/2021.

forma de dominação, um pouco mais sutil, mas tão violenta quanto, foi à tentativa de destruição da cultura berbere através da imposição cultural francesa sobre a população local.

Ao tomar o território argelino em 1830, conter diversas rebeliões berberes e considerar a Argélia como departamento francês em 1848, a França passou a praticar o que Vermeulen chama de assimilação (2001, p. 14). Essa política trata de impor a cultura colonial sobre a população colonizada, além de gerar pequenas elites locais que passariam a colaborar e obedecer a ordens da metrópole.

A reação violenta por parte da população berbere desde o início da colonização até o fim da guerra pela independência contra o domínio francês foi considerada como válida por Fanon que defendia esta estratégia de defesa, porque o colonizado era a classe mais desfavorecida e a que mais sofria, portanto, não tinha nada a perder e precisava lutar por sua liberdade com todas as armas que tinha em mãos:

Trabalhar significa trabalhar para a morte do colono. A violência assumida permite ao mesmo tempo que os extraviados e proscritos do grupo voltem, reencontrem seu lugar e reintegrem. A violência é, desta maneira, compreendida como a mediação régia. O homem colonizado liberta-se na e pela violência. Esta práxis ilumina o agente porque lhe indica os meios e o fim (FANON, 1968, p. 66).

Todos esses atos explicam o porquê da relação entre franceses e argelinos ser tão tensa até os dias de hoje e o fato de imigrantes e seus descendentes serem vítimas de intolerância por parte da sociedade francesa. Além do ressentimento pelo terrível passado colonial, existe ainda outro componente que dificulta este relacionamento: a religião. A Argélia fez parte do Califado Islâmico e, posteriormente, do Império Otomano. Assim, o islamismo é a religião majoritária de sua população desde o século VII. Após a II Guerra Mundial e a independência argelina, ocorreu um maior fluxo migratório de muçulmanos em direção a França. Como já citado neste artigo, a população argelina passa por um crescimento elevado que vai impactar nas futuras gerações.

Comunidade estrangeira mais populosa na França, os argelinos e seus descendentes também são a maioria da população que se declara muçulmana. Como a legislação francesa não diferencia seus cidadãos por religião, o censo do país não coleta dados relacionados a crença, embora estime-se que cerca de 7,5% da população residente no país seja muçulmana, aproximadamente, 4,9 milhões pessoas de uma população de mais de 67 milhões de habitantes (BLAY, 2019, p.22). Apesar de ser um número pequeno, parte do imaginário francês enxerga estas pessoas como ameaça e alimenta discursos intolerantes e preconceituosos, que Said define como alguns dos dogmas do orientalismo:

[...] um dos dogmas é a diferença absoluta e sistemática entre o Ocidente, que é racional, desenvolvido, humanitário, superior, e o Oriente, que é aberrante, não desenvolvido, inferior [...] o Oriente é no fundo algo a ser temido (o Perigo Amarelo, as hordas mongóis, etc.) ou controlado (pela pacificação, por pesquisa e desenvolvimento, pela ocupação cabal sempre que possível) (SAID, 2007, p. 401-402).

Este comportamento de inferiorizar ou estigmatizar os argelinos e demais cidadãos muçulmanos ajuda a reforçar a islamofobia e xenofobia na sociedade. Partidos e líderes políticos nacionalistas de extrema-direita, que apostam no discurso da intolerância, conseguem angariar simpatizantes e espalhar suas ideias contaminando o debate público, buscando uma polarização na sociedade.

Os recentes atentados terroristas nos últimos anos cometidos por jovens muçulmanos também reforçam esse sentimento anti-imigração.¹⁰ Embora os autores desses atos fossem nascidos e criados na França, são muitas vezes tidos como imigrantes e que jamais irão conseguir se integrar a sociedade e cultura francesa. Isso gera ainda mais sentimentos de exclusão e não pertencimento destes jovens que vivem em sua maioria nas periferias do país. Mesmo sendo franceses, não são vistos como tal por parte da população o que acaba gerando conflitos identitários como uma identidade bifurcada (OLIVEIRA, 2006, p. 130-131)¹¹ ou uma armadilha identitária (VERMEULEN, 2001, p. 138).¹²

Curiosamente, muitos descendentes de argelinos e de outros países fazem parte da cultura popular, sendo admirados e vistos como “os imigrantes que deram certo”, mais um exemplo desta complexidade na relação entre argelinos e franceses.

Os descendentes de argelinos no futebol e na cultura popular

“Quando marco gols sou francês, mas quando jogo mal sou argelino”.¹³ Essa foi uma das declarações mais marcantes do jogador de futebol Karim Benzema. Nascido em Lyon, ele sempre defendeu a seleção francesa de futebol em todas as categorias de base. Em 2006, aos 19

¹⁰ Entre 2015 e 2016, a França sofreu três violentos atentados terroristas. O mais sangrento deles foi um ataque coordenado em novembro de 2015 em diversos pontos de Paris com um massacre na casa de shows Bataclan, tiroteios pela cidade e uma tentativa de explosão a bomba no estádio St. Dennis durante uma partida da seleção francesa de futebol.

¹¹ Termo cunhado por Claudi Esteve Fabregat que é quando a primeira ou segunda geração de descendentes de imigrantes adota uma identificação não definitiva conservando elementos da cultura de seus ancestrais e da sua sociedade contemporânea.

¹² Termo cunhado por Peter Du Preez que é quando os membros de minorias podem reagir de muitas maneiras diante uma situação onde sua identidade é colocada em cheque, podendo se fazer passar por um grupo dominante ou por um grupo minoritário.

¹³ BARBIER, Joachim. *Benzema et La Marseillaise, le fantasme du mauvais français*. Entrevista concedida a revista So Foot. Disponível em: <http://www.sofoot.com/benzema-et-la-marseillaise-le-fantasme-du-mauvais-francais-167868.html>. Acesso em: 25/03/2021.

anos de idade, recebeu um convite para defender a seleção principal da Argélia. Filho de imigrantes argelinos, Benzema nunca viajou até a pátria dos pais e sempre se definiu como um francês, que tem orgulho de suas raízes. Ele agradeceu o convite, mas optou por defender a França.

O caso de Benzema é apenas um exemplo do comportamento da sociedade francesa e europeia em relação aos imigrantes e seus descendentes. Quando obtém sucesso em suas carreiras, são celebrados e tidos como exemplos de sucesso. Quando algo vai mal e fracassam, são estigmatizados e descartados. Por ser a modalidade esportiva mais popular do mundo, o futebol é um excelente objeto de pesquisa para explorar essa temática migratória e identitária.

O futebol é visto pelos cidadãos imigrantes e de baixa renda como uma oportunidade de ascensão social, além de importante personagem da cultura popular. É uma saída que estas pessoas encontram para melhorar de vida e obter sucesso de uma forma mais rápida. Indicativos sociais, o INSEE mostra que as populações de origem estrangeira e seus descendentes se deparam com mais barreiras e possuem índices inferiores em relação aos franceses nativos e brancos em diversos setores como trabalho, educação e economia (FREITAS, 2017, p. 66). Devido a estes fatores é comum ver jovens com essas características tentando a sorte no futebol profissional.

O histórico de jogadores imigrantes ou de origem estrangeira na seleção francesa é muito antigo. Na primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai, em 1930, o capitão da equipe era Alexandre Villaplane, um *pied-noirs*, nascido na Argélia, e que anos depois acabou se unindo aos nazistas na II Guerra Mundial. Ainda nesta década, atletas imigrantes tornaram-se pioneiros como Raul Diagne, primeiro negro a jogar pela França, e Ali Benouna, primeiro magrebino (FREITAS, 2018, p. 54-55). Com o passar do tempo, outros grandes jogadores com descendência imigrante como Just Fontaine, Raymond Kopa, Marius Trésor e Michel Platini tornaram-se ídolos do esporte no país.

Porém, o caso de maior repercussão se deu com a geração campeã mundial em 1998. A equipe foi o primeiro selecionado francês multicultural em um Mundial e ganhou o apelido de BBB: *black, blanc et beur*.¹⁴ É até irônico que o título mais desejado pelos fãs de futebol viesse justamente em casa, no estádio St. Dennis, em Paris, com um time que representava diversas camadas da sociedade. Com dois gols de Zinedine Zidane, filho de argelinos e eleito o melhor jogador do mundo naquele ano, a equipe venceu a seleção brasileira em uma atuação impecável. Após a final da Copa do Mundo, muitos argelinos e descendentes foram festejar nas ruas o título mundial aos gritos de “Zidane presidente” (GALEANO, 2013, p. 213).

¹⁴ Negros, brancos e árabes em tradução.

Neste momento, as ruas de todo o país se enchem de bandeiras francesas e, também, das de suas antigas colônias como se os imigrantes e seus descendentes fizessem questão de mostrar que também haviam colaborado com aquele momento histórico, como se dissessem que também estavam ali e que aquele título também era deles. Uma união que só pode ser viável através do futebol gerando um exemplo de comunidade imaginada como a idealizada por Anderson, onde todos vivem em uma comunhão mesmo sem conhecer todos os seus membros (2008, p. 32).

Alguns anos depois, mais precisamente ao dia 7 de outubro de 2001, essa turbulenta relação entre ambos foi representada em uma partida de futebol. Nesta data, as seleções de Argélia e França faziam em Paris o primeiro jogo amistoso desde a independência do país norte africano. A partida teve atmosfera bélica e clima tenso antes mesmo da bola rolar com muitos torcedores argelinos vaiando o hino nacional francês e ofendendo os atletas. No segundo tempo, uma invasão de campo por parte de fãs da Argélia causou a suspensão e encerramento precoce do jogo gerando críticas da opinião pública, da imprensa contra os torcedores e inflamando políticos nacionalistas e de extrema-direita.

Esta partida inclusive gerou um profundo choque identitário nos torcedores presentes ao estádio St. Dennis, principalmente, nos descendentes de argelinos nascidos na França. O jogo que trazia à tona lembranças de um doloroso passado entre os países, também mexia com os sentimentos de torcedores que não sabiam como se comportar:

L'annonce du match provoque chez les Algériens de France, et plus encore chez la deuxième, voire la troisième, génération issue de l'immigration, un "réveil identitaire" plutôt douloureux. Entre deux cultures, entre deux pays, entre deux équipes nationales, qui choisir, qui supporter? La rencontre est l'occasion d'une mise au point sur le sentiment identitaire franco-algérien au vécu très varié en fonction des parcours personnels. D'une certaine façon, il s'agit du choix ultime: qui placer d'abord dans son cœur? Le pays qui est le vôtre aujourd'hui ou celui de vos ancêtres? (GASTAUT, 2008, p. 126).¹⁵

Passadas duas décadas desta partida, a França voltou a triunfar em uma Copa do Mundo com uma jovem geração de atletas com raízes multiculturais, muitos deles inspirados pelos campeões de 1998. Mais uma vez, a questão étnico-racial e do time multicultural foi celebrada, porém, esta situação é como um pêndulo que balança conforme os resultados atingidos dentro de campo. Ora festejado, ora demonizado. Se, em 1998 e 2018, o time foi celebrado, em 2010, terminou muito criticado após uma crise que extrapolou os vestiários e tornou-se um assunto de

¹⁵ O anúncio do jogo provoca entre os argelinos da França, e ainda mais entre a segunda, senão a terceira geração resultante da imigração, um doloroso “despertar da identidade”. Entre duas culturas, entre dois países, entre duas equipes nativas, quem escolher, quem apoiar? O encontro é a oportunidade de enfocar o sentimento de identidade franco-argelino com experiências muito variadas, dependendo de experiências pessoais. De certa forma, esta é a escolha final: quem colocar em seu coração primeiro? Qual é o seu país hoje ou o de seus ancestrais?, tradução em português.

debate público que envolveu até políticos do país. Para Gastaut (2008, p. 23), a seleção nacional francesa é muito mais do que apenas um time de futebol, é uma representação da França multirracial, em que os filhos da colonização e das sucessivas ondas migratórias sempre encontram seu lugar no caldeirão social francês.

Assim como a relação franco-argelina, o futebol é complexo. Como citado acima, ele tem uma extraordinária capacidade de unir as diferenças e gerar conflitos com os mesmos envolvidos. Afinal, esta modalidade altamente presente na cultura popular e no imaginário francês, é uma questão social, política, cultural, econômica e diplomática (BONIFACE, 1998, p. 11), além de ter uma importância política e simbólica que contribui para ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais (GIULIANOTTI, 2010, p.8), sendo um reflexo desta conturbada relação envolvendo franceses, imigrantes e descendentes argelinos.

Considerações finais

Como visto nas páginas anteriores, a atual tensão entre a relação de argelinos e franceses se deve ao conturbado período colonial entre 1830 e 1962. Durante todo este tempo, ocorreram guerras, massacres, rebeliões, abusos, violência física e psicológica que aliados ao fluxo migratório de argelinos para a França, principalmente, em meados do século XX, reforçaram o turbulento relacionamento entre ambos os lados. Esse ressentimento é visível na sociedade francesa. Seja pelo fato de a população de origem imigrante ainda ser marginalizada como mostram os índices sociais, ou pelos preconceitos enfrentados diariamente por sua etnia e crença religiosa. Nota-se que existe ainda muita animosidade entre as partes e que até os dias atuais, mesmo sendo protegidos pela Constituição, boa parte de argelinos e seus descendentes, além de indivíduos de outras origens, continuam sentindo-se rebaixados e inferiorizados.

Constata-se que ainda há muitos conflitos no fator identitário destes indivíduos. Muitos ainda se sentem não pertencer a nenhum dos lados ou sentem-se representado por ambos, mostrando como a identidade pode ser híbrida (HALL, 2003, 432-433). Este comportamento é mais comum nos descendentes de segunda ou terceira geração que já estão mais adaptados a cultura e sociedade francesa, pois sempre viveram no país. Porém, as relações familiares e comunitárias são fortes e capazes de fazer com que venham a se identificar com a pátria de seus antepassados devido à rejeição sofrida. Hall (2014, p. 29-30) afirma que as identidades não estão impressas em nossos genes e que não nascemos com as identidades nacionais, pois elas são formadas ou transformadas no interior de uma representação cultural. A sociedade francesa precisará aceitar e integrar estas populações migrantes, buscando adaptar-se às suas características e mudanças pelas quais o mundo, e principalmente a Europa, está passando. Como

afirma Eco, o continente será cada vez mais multirracial queiram ou não queiram os europeus (2020, p. 28-29) e que a sociedade não precisa renunciar a sua identidade, mas buscar compreender o que a separa e aceitar a diversidade (2020, p. 90-91).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BLANCHARD, Emmanuel. “Eliminar os indesejáveis”: uma lógica de ação para o policiamento dos argelinos em Paris (1944-1962). **Revista Topoi – Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 45-53, julho-dezembro de 2015.

BLAY, Milton. **A Europa hipnotizada: a escalada da extrema-direita**. São Paulo: Contexto, 2019.

BONIFACE, Pascal. (Org.). **Géopolitique Du Football**. Bruxelles: Editions Compelxe, 1998.

COELHO, Ricardo Correa. **Os franceses**. São Paulo: Contexto, 2010.

DETIENNE, Marcel. **A identidade nacional, um enigma**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ECO, Umberto. **Migração e intolerância**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jonh L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. A importância dos imigrantes e descendentes na seleção francesa ao longo das Copas do Mundo. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 51-71, maio-agosto de 2018.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

GASTAUT, Yvan. **Le métissage par le foot: L'integration, mais jusqu'ou?** Paris: Éditions Autrement, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Brasília: Editora UFMG, 2003.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KIERNAN, Ben. **Blood and Soil: A World History of Genocide and Extermination from Sparta to Darfur**. New Haven: Yale University Press, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

SAID, Edward. W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

VERMEULEN, Hans. **Imigração, integração e a dimensão política da cultura**. Edições Colibri, Lisboa, 2001.

YAZBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Fontes

ALGÉRIE PRESSE SERVICE. **Laghouat se remémore l'un des pires massacres perpétrés par la France coloniale contre le peuple algérien**. Algérie Presse Service. Disponível em: <<https://www.aps.dz/societe/113741-laghouat-se-rememore-l-un-des-pires-massacres-perpetres-par-la-france-coloniale-contre-le-peuple-algerien>>. Acesso em: 13/04/2021.

BARBIER, Joachim. **Benzema et la Marseillaise, le fantasme du mauvais français**. So Foot. Disponível em: <<http://www.sofoot.com/benzema-et-la-marseillaise-le-fantasme-du-mauvais-francais-167868.html>>. Acesso em: 25/03/2021.

FRANCE. **Constitution du 4 octobre 1958**. République française. Disponível em: <<https://www.legifrance.gouv.fr/loda/id/JORFTEXT000000571356/2019-07-01/>>. Acesso em: 20/03/2021.

INSEE. **Étrangers – Immigrés em 2017: Recensement de la population – Résultats pour toutes les communes, départements, régions, intercommunalités...** Disponível em: <<https://www.insee.fr/fr/statistiques/4515412?sommaire=4515432&geo=METRO-1>>. Acesso em: 14/03/2021.

INSEE. **Être né en France d'un parent immigré**. Disponível em: <<http://www.insee.fr/fr/statistiques/1283065>>. Acesso em: 14/03/2021.

MINISTÈRE DE L'EUROPE ET DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES. **L'attribution de la nationalité française**. Ministère de l'Europe et des Affaires Étrangères. Disponível em: <<https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/services-aux-francais/etat-civil-et-nationalite-francaise/nationalite-francaise/article/l-attribution-de-la-nationalite-francaise>>. Acesso em: 29/04/2021.

PEYROULOU, Jean-Pierre. Les cas de Sétif-Kherrata-Guelma (mai 1945). **SciencesPo**. Disponível em: <<https://www.sciencespo.fr/mass-violence-war-massacre-resistance/fr/document/le-cas-de-sa-tif-kherrata-guelma-mai-1945>>. Acesso em: 13/04/2021.

THE BRITISH LIBRARY. **Immigration from India**. Disponível em: <<https://www.bl.uk/learning/timeline/item107671.html>>. Acesso em: 14/03/2021.

Recebido em: 08/05/2021

Aprovado em: 30/07/2021